

Categoria
Trabalho Acadêmico / Artigo Completo
Eixo Temático – *Agricultura Sustentável*

O MANEJO DO MILHO KAINGANG COMO PRÁTICA DE UMA IDENTIDADE ÉTNICA NA ALDEIA “ÍNDIA VANUÍRE”, MUNICÍPIO DE ARCO ÍRIS/SP.

Robson A. Rodrigues¹

Dulcelaine L. Nishikawa²

Marília Sene de Lourenço³

Resumo : Os estudos que estão sendo desenvolvidos na aldeia Índia Vanuíre Arco-Iris/SP possibilitaram a observação de fatores importantes para a perda de práticas do cultivo do milho tradicional na comunidade como um todo e em especial do grupo étnico Kaingang. O primeiro fator está relacionado as condições ambientais. Ocorreu um crescimento da população local, mas não houve um aumento significativo da área a ser cultivada pela comunidade e tão pouco um programa de manejo e conservação ambiental da área. Ao logo dos anos isso fez com que o local apresentasse deficit em termos de capacidade produtiva de uma maneira geral. O outro aspecto a ser evidenciado nesse artigo é a percepção de que a atividade agrícola desenvolvida pela comunidade indígena local está ligada diretamente a aspectos da sua cultura. As práticas do manejo agrícola indígena compõem um conjunto amplo de ações que apresentam uma coesão social na associação de

¹ Doutor em Etnoarqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

² Mestre em Ciências da Engenharia ambiental pelo Centro de Recursos Hídricos e Ecologia Aplicada da Escola de Engenharia da Universidade de São Paulo.

³ Graduanda em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras / Unesp, campus Araraquara.

atividade produtiva com suas vidas cotidianas, numa interação completa em que, a produção da semente esta relacionada ao sentimento cultural, social e ambiental Kaingang. A situação encontrada na aldeia evidenciou a necessidade de recuperação do manejo do milho, para assim também proporcionar a preservação dos aspectos culturais e alimentares.

Palavras-chave: Milho Kaingang, Identidade Étnica, Aldeia Índia Vanuïre.

INTRODUÇÃO

O cultivo do milho está diretamente associado aos povos do continente americano, informações históricas e arqueológicas registram o cultivo do milho há, pelo menos, 7.300 anos, e foram encontrados em pequenas ilhas próximas ao litoral do México. Seu nome de origem indígena caribenha significa “sustento da vida.” Alimentação básica de varias civilizações importantes ao longo dos séculos, os Olmecas, Maias, Astecas e Incas reverenciaram o cereal na arte e religião. Grande parte de suas atividades diárias eram ligadas ao seu cultivo.

O milho era plantado por índios americanos em montes, usando um sistema complexo com variação na espécie plantada de acordo com o seu uso. Com as grandes navegações do século XVI e o inicio do processo de colonização da América, a cultura do milho se expandiu para outras partes do mundo. Desde o período pré-colombiano sua riqueza nutricional⁴ é bastante conhecida.

Dados históricos elucidam que com expansão capitalista e as transformações na agricultura as comunidades indígenas e toda a sociedade tem perdido o conhecimento e o manejo das sementes tradicionais também conhecidas como crioulas.

⁴ O milho é rico em fibras e é de grande importância para eliminar toxinas do organismo humano. Além da fibra, o grão e milho são constituídos de calorias, gorduras puras, vitaminas (B e complexo A), sais minerais e açúcares.

As varias etnias que possuem o manejo dessas especies tradicionais vem perdendo ao logo dos anos a capacidade de preservação e manejo dessas sementes, substituindo-as por sementes hibridas.

Compreendendo que isso significa uma perda tanto do ponto de vista cultural quanto alimentar o nosso artigo busca evidenciar os problemas pelos quais passam a comunidade kaingang para a preservar e o manejar essas sementes na aldeia India Vanuire Arco- Iris/ SP .

Mas com a expansão capitalista e as transformações na agricultura as comunidades indigenas e toda a sociedade tem perdido o conhecimento e o manejo das sementes tradicionais também conhecidas como crioulas. As varias etnias que possuem o manejo dessas especies tradicionais vem perdendo ao logo dos anos a capacidade de preservação e manejo dessas sementes. Muitas vezes vem substituindo-as por sementes hibridas. Portanto, necessitamos de uma compreensão do que isso significa do ponto de vista cultural e alimentar das comunidades que tradicionalmente detem o manejo adequando dessas sementes.

Instituições como a Embrapa⁵ tem exercido um papel importante na recuperação e preservação das sementes tradicionais, mas essa prática tem sido incipiente diante do quadro ambiental apresentado nas aldeias indigenas do oeste do Estado de São Paulo.

OS ASPECTOS CULTURAIS ENVOLVIDOS NA PRATICA DO CULTIVO DO MILHO NA HISTORIA KAINGANG.

Para a etnia kaingang o cultivo do milho está associado aos aspectos alimentares, culturais e sociais. No que compete a organização social os índios Kaingang buscam articular as formas de se relacionar com o mundo com o conhecimento do seu entorno e materializa sua cosmologia por meio do cotidiano

⁵ A Embrapa milho e sorgo que é a pioneira na prerrogativa da preservação e recuperação das variedades de especies tradicionais de milho, tem viabilizado não só o resgate de cultivares tradicionais de milho indígena como a sua reintrodução em comunidades que perderam suas variedades.

seja nas atividades religiosas, econômicas e sociais, para reforçar sua identidade étnica diante da sociedade nacional.

Na vivência de sua espiritualidade os Kaingang atravessam diferentes universos que se interpenetram, criando uma visão múltipla de ser humano baseada na experiência constante do índio com todos os ambientes ao seu redor. A noção de comunidade entre eles é interespecífica; neste sentido, os ecossistemas das aldeias são partes de um todo.

O conhecimento indígena é complexo e integrado e apresenta características diferentes do pensamento ocidental em que a vida espiritual se encontra dissociado dos demais aspectos da vida cotidiana. Compreendendo esse caráter diferenciado do pensamento indígena passamos a descrever o ritual cultural de enterramento kaingang, muito embora esse não ocorra mais nos dias atuais é de grande importância compreendê-lo para elucidarmos as perdas culturais que ocorreram com a dificuldade em se fazer o manejo das sementes tradicionais do milho.

O funeral Kaingang está associado diretamente à produção do milho tradicional, então para uma melhor compreensão se faz necessário à descrição da importância desse ritual cultural.

Com funerário tradicional kaingang – o Kikikoi - é possível enxergar a profunda ligação dos indígenas com a natureza. Para o entendimento da centralidade deste ritual na cultura Kaingang evidencia-se o papel dos mortos entre eles. Segundo Herbert Baldus (1979), quando alguém morre na aldeia, é como um elemento constitutivo da imensa força comunal Kaingang que se descola da terra e vaga perdido, incontrolável – mas ainda vinculado à comunidade.

É preciso direcioná-lo corretamente para que ninguém saia prejudicado entre os vivos. Torna-se imprescindível realizar um ritual no qual todos se envolvam. O Kikikoi era praticado em todas as regiões habitadas pela etnia. Sua realização começava a partir da morte de alguém, passava pelo enterramento e culminava numa grande festa que marcava a libertação da alma do morto. Neste momento se dançava e se servia a bebida Kiki. Henrich Manizer (2006) detalha esta prática entre os Kaingang de São Paulo, em 1914.

Segundo o autor citado, quando alguém morria, seus parentes mais próximos se entregavam aos lamentos, enquanto o restante da comunidade começava os preparativos para funeral. Na marcha rumo ao cemitério, quem carregava o morto não parava de cantar. Chegando lá, as mulheres cozinhavam milho e abóbora, enquanto os homens cavavam um fosso para o enterro. Durante todo o procedimento de enterramento, na aldeia a roça de milho do defunto era queimada, seus pertences destruídos.

A manutenção de seus hábitos funerários está associada diretamente ao modo como esse grupo étnico concebe a origem do seu ser a partir do elemento terra, presente na estrutura do mito de origem, onde se percebe que o modo de ser Kaingang está diretamente associado ao sentimento de pertença ao mundo subterrâneo.

Nesse sentido, a estrutura do enterramento Kaingang assume um modelo habitacional segundo o qual os seus mortos continuarão a morar no seu local de origem. Mas os que estão no mundo terreno, devem ter cuidado, pois a qualquer momento poderão ser levados para lá. Portanto, é no seio da terra que os Kaingang moram e para lá vão suas almas após a morte.

A nova aldeia subterrânea contém as mesmas condições da aldeia terrena com os recursos necessários à sua subsistência e continuidade da vida. As árvores que propiciam frutos comestíveis serão baixas para facilitar a coleta. A caça é abundante e possibilita a fartura para sua alimentação. O trabalho continuará no plantio das roças que produzirão as espécies de milho indígena, além da produção dos bens materiais utilizados na manutenção de sua existência.

Durante o ritual, enquanto a viúva passava por um momento de recolhimento, todos permaneciam durante três dias no local da morte, comendo somente milho e palmito. Tempos depois, em épocas determinadas se voltava ao cemitério para recobrir o túmulo, e durante estes retornos celebrava-se a festa Kikikoi, cujo significado literal é 'beber o Kiki' – bebida feita à base de milho fermentado, mel e flores de palmeira bocaiúva.

Durante a sua preparação, os cantos entoados eram os mesmos do funeral. Como se no lugar da bebida estivesse o defunto. Durante toda a noite os índios

bebiam até caírem ou acabar a bebida. Dançavam em torno da fogueira, divididos em metades clônicas.

Há que se notar o equilíbrio ambiental na utilização dos elementos naturais nos rituais; o Kikikoi era realizado somente no inverno, época de colheita de milho, mel, entre outros produtos. A tinta utilizada nos corpos durante a dança era feita de carvão retirado das fogueiras e socado num pilão com água e mel.

O QUADRO HISTÓRICO E SOCIAL DA ETNIA KAINGANG NO OESTE PAULISTA E SUAS PERDAS SOCIAIS E CULTURAIS.

A etnia Kaingang no Estado de São Paulo, mas precisamente no Oeste Paulista passou por um intenso processo de enfraquecimento das relações tradicionais do índio com sua terra. A partir da expansão capitalista no interior do estado observa-se a transformação do território indígena num “espaço de controle de interesses e representações civilizadas – mercado, indústria, urbanização, especulação econômica das terras e florestas pouco ou nada exploradas sob a forma de capital” (PINHEIRO, 2004, p. 356).

O massacre dos indígenas promovido pelos proprietários de fazendas cafeeiras e de gado, desde fins do século XIX, impôs a necessidade de uma resistência. A intensificação dos conflitos entre bugreiros, grileiros e os Kaingang trouxeram o SPI – órgão mediador entre os indígenas e o Estado – ao oeste paulista. Sua função, desde sua criação em 1910, era inserir os índios como mão-de-obra barata (por vezes escrava) no mercado de trabalho, por meio de sua atração e pacificação nos aldeamentos.

A vivência da espiritualidade Kaingang foi reprimida pela tutela do SPI nas aldeias, condição perpetuada pela FUNAI. Por ocasião da guerra de pacificação, começam as modificações no Kikikoi: com a aproximação dos brasileiros, a festa torna-se lugar de traçar estratégias de enfrentamento na guerra. Data dos anos 40, as maiores modificações no ritual, culminando com a proibição de sua realização,

ainda nestes anos, pelo encarregado da Inspetoria do SPI em Vanuíre e Icatú, Érico Sampaio (Pinheiro, 2004).

Observa-se uma ligação direta da diminuição e devastação do território indígena como responsável pelo enfraquecimento de sua relação tradicional com a terra e o trabalho; mais precisamente, relacionar a destruição das terras Kaingang ao abandono da exuberância ritual em suas aldeias. Enquanto consequência direta da invasão de suas terras e proibição de sua liberdade de expressão se percebe a negação de sua forma de conhecer e viver no mundo. Niminon Suzel Pinheiro (2004) utilizando-se do termo epistemocídio⁶, de Boaventura de Souza Santos, evidenciou um quadro de degradação cultural com enormes reflexos ambientais, pois essa forma de pensamento despreza o manejo que essas comunidades indígenas faziam nos agroecossistemas.

Pesquisas desenvolvidas na aldeia Índia Vanuire Arco-Iris/SP (Brigante, 2006, Nishikawa, 2007, Rodrigues, 2006) possibilitaram a observação de que a semente de milho preto tradicionalmente utilizada pela grupo indígena Kaingang na feitura de um prato tradicional (lamim⁷) está prestes a se perder. Apenas alguns sujeitos da comunidade tem conservado e reproduzido as sementes. A dificuldade de reprodução da semente ao longo dos anos está comprometendo os hábitos alimentares da grupo e a preservação de prática cultural que está associada diretamente ao consumo do milho.

Os problemas de preservação e conservação da variedade de milho preto, tradicionalmente utilizado nas praticas culturais e na dieta alimentar, da comunidade indígena kaingang na aldeia Índia Vanuíre Arco-Íris/SP.

Preservar os ecossistemas em torno das aldeias é também preservar a memória indígena – valor adicional de seu conhecimento, expressada por meio da oralidade e das práticas rituais. É na relação com a terra, com seus ancestrais e com as tradições legadas através destes que se ancora a resistência. Por intermédio destes instrumentos se ressalta a identidade étnica Kaingang.

⁶ Epistemocídio pode metaforizar tanto a liquidação física destes índios quanto a sua marginalização, ridicularização na sociedade. Desprezar outras formas de conhecimento que não a da ciência é desprezar as comunidades que as detém.

⁷ lamim, pão feito pela comunidade indígena kaingang a base de milho, existe também uma variação que é consumida com carne. O milho é triturado e depois frito.

Tommasino (2004) compara a reciprocidade positiva entre as famílias nos roçados, onde se visa o bem coletivo na plantação e na colheita, com a negativa, onde se visa maximizar ganhos individuais. Como exemplo da primeira se tem a organização do Kikikoi, dividida em várias etapas, de responsabilidade de toda a comunidade; a incidência da segunda cresce atualmente, entre outros motivos, devido ao processo de descaracterização da relação autóctone com o território e com o trabalho e à escassez de recursos naturais que sirvam à comunidade.

Diante desse quadro a comunidade indígena na aldeia Índia Vanuíre, em Arco-Íris/SP de modo geral no que compete a agricultura têm substituído as praticas agrícolas tradicionais como o cultivo na forma de coivara e a conservação das sementes tradicionais. Para o modelo adotado após a chamada revolução verde que apostava num maior controle das condições ambientais a partir da pratica da mecanização, fertilização química no controle de doenças e pragas com uso de agrotóxicos.

Substituindo assim a diversidade de espécies pelo monocultivo, com o intuito de se atingir maior produtividade, observa-se que na aldeia Indígena Vanuíre esse modelo também foi adotado nas áreas designadas como área de produção por intervenção do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) e atualmente continuado pela FUNAI. A diversificação que era própria da comunidade indígena ficou restrita ao entorno das unidades de moradia. Promovendo uma simplificação dos agroecossistemas causado a perda da diversidade biológica. Essa simplificação tem causado danos no que compete a produção das sementes tradicionais e também do ambiente como um todo.

As comunidades indígenas ao longo dos anos vêm perdendo essa pratica de conservação dando espaço para as sementes híbridas, inclusive com o incentivo de órgãos como a FUNAI, que apostam ma mecanização e no plantio em larga escala e fornece as sementes de milho híbrido. O que se tem observado que o desenvolvimento dessas atividades produtivas vem causado danos à comunidade indígena tanto do ponto de vista produtivo quanto ecológico.

Em levantamento de campo feito por Nishikawa (2007) foi possível observar que o quadro é preocupante no que compete ao cultivo do milho.

A comunidade indígena de Vanuíre adquiriu o Pronaf (Programa de Apoio ao Desenvolvimento Rural) para cultivar principalmente milho, mandioca e amendoim.

O cultivo de milho se tornou um problema para a comunidade Indígena, especialmente porque o solo se encontra exaurido e necessitando de um preparo adequado para atingir índices de produtividades satisfatórios. A escolha inadequada da espécie, associada à incompatibilidade das condições da área, tem gerado problemas de produtividade, tornando cultura do milho mais suscetível às pragas e doenças.

Os relatos orais do vice Cacique Irineu Cotuí é bastante significativo para exemplificar a situação atual dos agricultores na área no que compete a produção do milho tanto o Híbrido como o Kaingang.

Relata que adquiriu um financiamento de 4 mil reais do Pronaf e iniciou o cultivo de três alqueires de milho, mas não teve como preparar o solo antes da semeadura. Conseguindo colher apenas 70 sacos do grão. Segundo Irineu, essa produção não dá para pagar o financiamento, sem falar que houve gastos pessoais com os custos da produção, incluindo despesas com o diesel. Outro fator que interferiu na produção do milho foi o aparecimento de pragas como a formiga cortadeira, o gafanhoto, o pulgão, a cigarrinha e a lagarta do milho. Após a primeira produção foram plantados mais quatro alqueires de milho e a estimativa é colher 150 sacas (entrevista a Nishikawa em concedida em 22/03/2007).

O abandono das práticas de cultivo na forma consorciada para uma forma de monocultivo e a substituição das sementes tradicionais por sementes híbridas tem sido observado na aldeia indígena como um dos maiores problemas. Os solos exauridos apresentam déficit de matéria orgânica e por consequência baixa da taxa de nutrientes, proporcionando um desequilíbrio das áreas de cultivo, tornando-os mais suscetíveis a pragas e doenças.

Nesse sentido as nossas preocupações estão no âmbito da organização social da comunidade indígena Vanuíre para se pensar formas de se preservar as espécies e recuperar a o modo de produção tradicional, inclusive para valorizar os aspectos da cultura que estão associados à produção das sementes.

Entendendo que o kaingang possui uma conexão homem-terra e que essa ligação permeia seu modo de ser desde o nascimento até a sua morte. Nesse

sentido, a preocupação com a preservação genética e cultural dessas espécies de cultígeno da ênfase aos aspectos ambientais, sociais e culturais em que se insere a Aldeia Vanuíre, valorizando, portanto, uma prática que está diretamente associada a identidade étnica do povo Kaingang.

BIBLIOGRAFIA

AS-PTA, Assessoria e Serviços a projetos em agricultura alternativa, 2007. Disponível em www.aspta.gob.br

BALDUS, Herbert. O culto aos mortos entre os Kaingang de Palmas. In: **Ensaio de etnologia brasileira**. São Paulo: Nacional, 1979. p. 08-33.

BRIGANTE, Janete. **Reconhecimento dos Recursos Florestais em Remanescentes da Reserva Indígena de Vanuíre, Tupã-SP**. São Carlos 2006 (Não publicado).

GONÇALVES, Luiz O milho é também símbolo espiritual, 2007. Disponível em www.cdb.gov.org.

MANIZER, Henrich Henrikhovitch. **Os Kaingang de São Paulo**. Campinas: Curt Nimuendajú, 2006.

NISHIKAWA, Dulcelaine L. Lopes levantamento de informações na Aldeia Vanuíre/ Arco-Íris/ São Paulo. **Data 21 a 23 de março de 2007. (Não publicado)**

PEDRI, Marta Adriana. **A dinâmica do Milho (Zean Mays L.) nos Agrossistemas indígenas**, 2006. Dissertação defendida no programa de pós-graduação em Agroecossistemas, na Universidade federal de Santa Catarina/ Florianópolis

PINHEIRO, Niminon Suzel. Terra não é troféu de guerra. In: TOMMASINO, Kimiye; MOTA, Lúcio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva (org.). **Novas contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingang**. Londrina: Eduel, 2004. p. 353-413.

RODRIGUES, R.A. **Etnoarqueologia da ocupação Kaingang nos campos do Sertão Paulista**. Relatório de Pesquisa. Araraquara (SP). 2006. (Não Publicado).

TOMMASINO, Kimiye. Homem e natureza na ecologia dos Kaingang da bacia do Tibagi. In: TOMMASINO, Kimiye; MOTA, Lúcio Tadeu; NOELLI, FranciscoSilva(org.). **Novas contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingang**. Londrina: Eduel, 2004. p. 145-197.

VEIGA, Juracilda. Cosmologia kaingang e suas práticas rituais. In: TOMMASINO, Kimiye; MOTA, Lúcio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva (org.). **Novas contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingang**. Londrina: Eduel, 2004. p. 267-284.

VILELA DE ANDRADE, Ramiro, **Milho e sorgo**, 2007. Disponível em www.cnpms.embrapa.br.